

A GRANDE NOVELA

Lo 23/7/10.



A FEITICEIRA DA VILA

POR

REBELO DE BETTENCOURT

A GRANDE NOVELA

Redação e Administração
Rua da Hortã Seca, 7, 1.^o
TELEF. C. 27

Editor e Proprietario
CARLOS DORNELAS

Composição e Impressão
Rua da Hortã Seca, 7, 1.^o
LISBOA

Magnifica e cuidada publicação quinzenal



Sae todos os dias 1 e 15 de cada mês

Magnifica apresentação

Agradavel leitura

Excelente papel

Numeros saídos:

NATAL DE MENDIGOS, por . . .	Rocha Martins
CONVERSÃO, por	Lourenço Cayolla
PREVENÇÃO RIGOROSA, por . .	Feliciano Santos

Proximo número

MORTA ROMANTICA, por João Grave



CONDIÇÕES DE ASSINATURA

NÚMERO AVULSO 1\$00 (MIL REIS)

	Cont. e Ilhas	Africa
6 NUMEROS	6\$00	—
12 "	11\$50	17\$50
24 "	22\$50	35\$00

(PAGAMENTO ADEANTADO)

ANO I

DEP. LEG.
N.º 4

A GRANDE NOVELA

Redação e Administração
Rua da Horta Seca, 7, 1º
TELEF. C. 27

Editor e Proprietario
CARLOS D'ORNELAS

Composição e Impressão
Rua da Horta Seca, 7, 1º
LISBOA



A Feiticeira da Vila

O sapateiro e o diabo

A morte do Sacristão

86086



NOTA

Foram estes contos escritos sobre lendas e superstições açorianas.

A Feiticeira da Vila

— Ergue-te, homem, que são ho:as. E a Ana sacudia o marido que, pegado no sono como lapa a calhau, se voltou para o outro lado da cama.

Ela insistiu :

— Veste-te, que o ganhadeiro já passou com a carroça para a cidade. E' quasi meia noite.

Sacudiu-o com mais força e o Antonio acordou sobresaltado :

— Que é que me queres? E espreguiçou-se demoradamente.

A Ana foi buscar a roupa do marido. A caminhada era grande e era preciso estar de volta de manhã cedinho, porque vinham os homens botar o estrume na terra, e quem não olha pelo que é seu, bem aviado fica . . .

— Que tal está o tempo? — perguntou o Antonio, bocejando.

A mulher foi abrir o postigo e espreitou. O ceu estava

negro como breu. Nem uma estrelinha para alumiar o caminho. Nossa Senhora que fosse com ele e o livrasse de temporal que não havia outro remedio senão ir ao Nordeste moer o milho, que o pão que tinham comido já nesse dia era da venda, e a farinha que havia mal dava para a lavagem dos leitões.

O Antonio vestiu-se num zape. Verificou se tinha na algibeira do casaco o masso de tabaco, a pedra de ferir lume e a folha para fazer o cigarro, companhia e distracção nas caminhadas e trabalho.

— Arranja-me aí um bocado de pão com um chicharro e uma pimenta para enganar o jejum, em mentes eu vou amanhar a burra.

E o Antonio abriu a porta da cosinha e enfiou pelo quintal. O cão, o *Bôca-negra*, feio, grande, o pêlo erriçado, o focinho chato, a cauda cortada, saltou em frente para lhe lamber as mãos.

— Tá quieto, ameaçou o dono, fazendo-lhe uma ligeira carícia. Os leitões, sentindo passos, grunhiram, desconfiados, no curral. Que diziam a uma noites destas? Negra como tição. Nem uma estrela miudinha por esse ceu, que é a casa de Deus.

No palheiro, a burra, sentindo o dono, levantou-se. Em pouco tempo o Antonio amanhou o animal. Deu-lhe agua, uma mancheia de milho, poz-lhe a albarda e cillhou-a bem.

— Ála que se faz tarde! E trouxe a burra para o quintal e entrou com ela pela cosinha dentro. A mulher foi abrir a porta da rua, e o animal, como de costume, saiu e poz-se, no caminho, em frente á porta, á espera do dono.

A Ana já tinha dentro de um sacco feito com remendos

de chita, metade de um pão de milho amarelo, dois chicharos assados na certã e uma pimenta salgada.

— Deixa vêr a saca do milho, pediu o Antonio. E carregou a burra.

A Ana veiu para a porta despedir-se do marido. Que ele visse bem, o moleiro não roubasse muito na maquia.

O Antonio puxou a burra para o degrau da porta para lhe servir de estribo e montou-a.

O *Bôca-negra*, já caminhava á frente.

— Bem, até logo se Deus quizer, despediu-se o camponez. E seguiu seu caminho.

A mulher ficou ainda mais um nadinha á porta, enquanto o marido não desaparecia nas sombras do caminho e da noite.

Que noite aquela, santo Deus! O ceu carregado de nuvens negras e um ventinho agreste a soprar, e já era sorte se não chovesse ou caisse temporal defeito.

Ao passar em frente da igreja, o Antonio descobriu-se e disse não sei que reza. Nunca fazia viagem ou começava trabalho sem rezar um padre-nosso aos Santos ou fazer, pelo menos, o santissimo sinal da cruz. Bom cristão era ele, seguindo o exemplo de seus paes. Não faltava á missa do domingo. Nunca ia, é certo, á confissão. Que se alembrasse, só se confessára duas vezes, a primeira, em rapazinho, quando andára no catecismo, á tarde, com o *sôr* vigario, e a segunda na vepera de se casar com a Ana. Essa sim que se desobrigava até duas vezes por ano e tomava Nosso-Senhor. O An-

tonio, afinal de contas, que tinha ele que confessar? Não era ladrão, não ofendia pae nem mãe, não fazia mal a ninguem e pobre de Cristo que lhe batesse á porta nunca se ia embora sem um canto de pão ou maçaroca de milho. Nem sequer maltratava os animaes que não tinham culpa de não falar . . .

O negrume da noite punha borrões disformes aqui e ali, e vestia as arvores de uma maneira extranha. Algumas pareciam fantasmas embuçados, espreitando. Sombras balhavam dansas exquisitas pelo caminho.

O Antonio era corajoso e se acreditava em feiticeiras e almas do outro mundo, não tinha medo delas. Mas naquela noite as sombras disformes e balhanções punham-lhe a alma em sobresaltos.

O *Bôca-negra* que caminhava ora á frente, ora ao lado, ou ficando para traz, espiolhando o caminho, uivou e, medroso, como presentindo perto inimigo desconhecido, os pêlos eriçados, deitou a correr pela estrada fóra.

E o Antonio, cada vez mais sobresaltado, o coração dentro do peito baque-baque, ouviu, proximo dele como o piar de galinha, um piar feio que punha calafrios na propria noite. Intrigado, e ainda que receoso, olhou em sua volta. Mas os seus olhos nada lobrigaram. E o piar da galinha ou bicho desconhecido que por ali andava atraz dele, por artes do diabo, continuava, espaçado, monotono, cortante, como se fosse a propria voz misteriosa das sombras vagabundas e das almas penadas, das feiticeiras e das bruxas, dos espiritos maus e do demonio.

— Credo em cruz! — balbuciou tremendo como varas verdes o pobre homem.

Ele não estava a sonhar ou variando acordado. A propria burra, tomada de susto, apressara a sua andança.

A FEITICEIRA DA VILA

— Bôca-negra, bôca-negra! chamou o Antonio pelo cão que desaparecera.

— Bôca-negra, bôca... e a voz estrangulou-se-lhe na garganta.

Ao lado dele, par e passo com a burra, uma galinha grande e preta caminhava, piando, sempre piando, pi... pi... pi...

— Valha-me Nossa Senhora d'Ajuda!

E a noite cada vez mais negra e a estrada deserta, Nem viva alma. Apenas os vultos disformes das arvores e das sombras que balhavam...

— Que seria aquilo? Coisa do demonio ou alma de homem que tivesse morrido em pecado. Talvez a alma de algum parente seu, que andasse penando pelo mundo, enquanto não rezassem por ela, ou fizessem esmola ou vestissem mendigo por sua intenção.

Um poder de vezes ouvira ele historias de bruxedos e almas do outro mundo. Quando em rapazinho ouvira-as e muitas ao avô — o tio Francisco — como lhe chamavam na freguesia. Ainda a semana passada ele ouvira uma de arrepiar os cabelos.

E de repente lembrou-se que as feiticeiras não entravam com genie que trouxesse vestida no corpo roupa do avêss.

A ave, galinha ou lá que fosse, caminhava ainda ao seu lado, piando, piando, com aquele som irritante e rouco, que arranhava o ouvido:

— Pois espera que eu já te arranjo!

Deu um salto para o chão, e enquanto o diabo esfrega um olho, despiu o casaco, e tornou a vesti-lo, do avêss.

Poder e misterio de feitiçaria! Aquela galinha preta, ca-tou-se, e transformou-se logo numa mulher nua. Antes aquilo

fosse sonho ruim, antes fosse! Que o Senhor Santo Cristo o protegesse, que ele, quando fosse á cidade, havia de levar-lhe ao convento um cirio do seu tamanho.

A mulher, nua, em coiro, quebrada a sua arte por causa do casaco que estava do avêso, disse-lhe, em tom desolado e ao mesmo tempo repreensivo:

— Para que viraste o casaco? Seguisses socegado o teu caminho enquanto eu cumpria o meu destino. Fazia-te eu algum mal? Agora tem paciencia: -- tens que me pôr em casa. E, rapida e leve, com um desembaraço de rapaz, a mulher deu um salto para cima da burra:

— Toca a andar, que d'aqui á Ribeira Grande ainda é um bom bocado.

— Ribeira Grande? — E o Antonio arregalou os olhos, espantado.

— Então? perguntou a feiticeira adivinhando-lhe o pensamento.

Podia lá ser? A burra não aguentava aquele caminho. Nem em dez horas se fazia a viagem. Em má hora tinha elle saído de casa. Antes tivesse adoecido e ficado na cama.

— Bem, disse a feiticeira, agarra-te ao rabo do animal e fecha os olhos. Não os abras enquanto eu não te disser.

O Antonio, desconfiado e receoso, não buliu.

— Anda, avia-te, que não tarda a manhã. O tom autoritario com que proferira a ordem, convenceu-o. Agarrou-se ao rabo da burra, e, antes de fechar os olhos, encomendou a alma aos Santos.

A mulher disse não sei que palavras magicas que o Antonio, surpreendido, o coração num aperto, e uma zoada na cabeça, sentiu-se transportado pelo ar, numa corrida doida.

— Abre os olhos que já chegámos, avisou a feiticeira.

A LEVANTAR O ANIMAL
O António põe a cabeça no chão e vira-se com vontade
para trás para ver se não há ninguém lá fora. A mulher
está a olhar para ele e a falar-lhe em voz baixa.
Ela diz-lhe que se não quiser ir para o lado de fora
depois de tanta espera.



— agarra-te ao rabo do animal e fecha os olhos

... e não se dá ao trabalho de se levantar para ver se não há ninguém lá fora.
Ela diz-lhe que se não quiser ir para o lado de fora
depois de tanta espera.

O Antonio abriu a medo os olhos e viu-se em frente de uma casa alta, casa de gente que tinha de seu. A feiticeira abriu a porta, e disse para o pobre camponio que, ainda agarrado ao rabo da burra, considerava a casa, de olhos abertos e boca aberta, em postura de homem a quem o juizo quizesse fugir de todo :

— Entra e vae á gaveta de cima, da comoda e tira seis serrilhas para ti. Meu marido está deitado, mas não te assustes : — não acorda tão cedo. E vendo-o ainda irreso'uto, tranquilisou-o : — Entra que não te acontece mal nenhum, homem de Deus. E a feiticeira explicou :

— Não posso tocar esta noite em dinheiro. Vai, entra sem medo, creatura de Deus.

O Antonio resolveu-se a entrar. Sobre a cama larga um homem resonava ruidosamente. O sino grande da igreja não era capaz de o acordar. Mesmo assim, com cautela, abriu a gaveta e tirou de um canto, as seis moedas de prata.

— São para tí, disse a feiticeira. E fique-te de escarmento : — nunca mais, se me encontrares a mim ou a outras, queiras, voltando o casaco, descobrir segredos que não te pertencem. E proibo-te que contes seja a quem fôr esta aventura, se não queres que te suceda alguma coisa desagradavel. Agarra-te outra vez ao rabo da tua burra, fecha os olhos e vae com Deus.

De novo o Antonio se sentiu transportado pelos espaços. Um minuto não era passado quando se sentiu parado no chão. Ainda esteve um momento de olhos fechados. O cão, o

A FEITICEIRA DA VILA

Bôca-negra, saltava, lambendo-lhe as mãos. Atreveu-se então a abrir os olhos e viu-se já em frente do moinho. Tinha sido o primeiro a chegar. Começava a amanhecer.

Como se tivesse despertado de um pesadelo, interrogou-se intimamente, indeciso sobre a verdade ou a mentira do que lhe sucedera. Meteu a mão na algibeira e lá encontrou as seis serrilhas novas, Não tinha sido sonho, não. As moedas de prata ali estavam a dizer que tudo aquilo tinha sido a pura da verdade. Bateu com as moedas, uma a uma sobre uma pedra. Melhor som não podiam ter. E guardou-as novamente.

Só daí a um bocado começaram a chegar os outros freguezes do moleiro: — O Chico Ferreira, o Manuel da Lomba, o José da Rosa e outros.

— Hoje foste o primeiro, disse um deles ao Antonio. Acenderam os cigarros e esperaram pelo moleiro que lá de cima da janela avisára:

— Já lá vou.

Negocios abaixo, negocios acima, pouca fartura nas novidades, as rendas das terras puxadas, palavra puxa palavra, quando o Manuel da Lomba, chamando a atenção dos companheiros, disse:

— Oh! Antonio, a modos que estás, como o outro que diz, a pensar na morte da bezerra. Que diabo tens que não falas á gente?

O Antonio sorriu, mas não respondeu.

Ele bem queria contar, mas lembrava-se do aviso da feiticeira. Depois pensou: — não acho que haverá mal em contar o assucedido. Descobri-la não posso porque eu mesmo não sei quem é. E contou aos companheiros a sua aventura, o piar da galinha, a mulher que o levou até á Ribeira Grande, a gra-

tificação das seis serrilhas e finalmente a sua volta para o moinho, agarrado ao rabo da burra.

Os companheiros riam a bom rir.

— Vái lá contar isso á tua avó que talvez te acredite, disse um deles, incredulo.

— Juro pela alma de meu pae que Deus lá tem em sua santa gloria, pretextou o Antonio. E como ninguem, apesar da jura, quizesse acreditar ainda, exclamou com rompante :

— Querem uma prova ? Aqui estão as seis serrilhas novas que a feiticeira me deu. Meteu a mão na algibeira, e retirando-a em seguida, espalmou-a deante dos olhos dos companheiros :

— Vejam !

Os companheiros olharam e, com espanto, viram na mão do Antonio não as seis moedas de prata mas seis bocadinhos de carvão de madeira. Calaram-se todos. Um arrepio passou por aquela gente. O Antonio estrava branco como a cal da parede. Um ruido assustou-os. Era o moleiro que abria a porta do moinho e dizia :

— Vamos á vida, *mês* senhores !

Amanhecera de todo. Um pastor, com o seu rebanho de ovelhas, atravessava a estrada, a caminho do pasto.

E o Antonio nunca mais tornou ao moinho.

O Sapateiro e o Diabo

Vou jurar, por esta luz que me alumia, que não havia rapariga mais linda do que a Rosa por todo aquele S. Roque adiante. A's sextas-feiras quando ela vinha com a mãe fazer compras á cidade, os rapazes que a encontravam pelo caminho, diziam uns para os outros:

— Aquilo é que é uma mulher!

E ficavam-se, enamorados, a olhar, a admirar-lhe o andar geitoso, a graça com que envolvia os cabelos castanhos e quedados na sua mantilha de seda! E o chale fino que lhe ficava tão airoso! As meninas ricas da cidade usavam chapéu e outros trajas, mas nenhuma tinha aquele condão de se vestir tão bem como a Rosa.

As raparigas da freguesia, que não lhe perdoavam a boniteza nem a simpatia de que era alvo, observavam desdenhosamente:

— A Rosa é uma mulher como as outras. Que é que vocês encontram a mais na Rosa que as outras não tenham? Só se é a tolice.

Ah! não era a tolice, não. A Rosa era uma rapariga como as outras, mas os seus olhos tinham uma luz mais dôce, o seu andar tinha a leveza de avesinha, e as suas falas tinham uma meiguice...

A GRANDE NOVELA

Os caixeiros da cidade quando a viam faziam-lhe rapapés, desfaziavam-se em cumprimentações :

— Viva ! Ditosos olhos que a vêem !

— Então hoje nem diz adeus á gente ?

E uns convidam-na a entrar na loja para vêr os chailes novos que tinham vindo da alfandega ; outros o pano crú muito bom e muito forte.

— Porque não compra este vestido de lã ? Como é para a menina faz-se mais barato...

Mas quem casou com a Rosa foi mestre José, sapateiro. Pobre com pobre que é como deve sêr. Mas mestre José tinha alguma coisa de seu. A casinha para onde foram viver erá dele.

O casamento deu brádo. Durante semanas não se falou noutra coisa em S. Roque. Um casamento de luxo. Pudera ! Os noivos tinham bons conhecimentos na cidade e convidaram o sr. doutor de leis e a sua senhora para padrinhos.

A igreja de S. Roque encheu-se de gente. Rapazes houve que largaram o trabalho para virem vêr a festa. E valeu a pena. Só de carros mais duma duzia. Nem casamento de princeza. A Rosa estava linda como nunca, com o seu vestido branco de seda, o veu, as flores de laranjeira, sapatos e meias de seda que uma tia lhe mandára da America.

O noivo não lhe ficou atraz, de fato novo, preto, botas de polimento... Sabia luxar o diabo do rapaz. Estava mesmo um impostôr !

E não houve casal mais feliz ali na freguesia, graças a

O SAPATEIRO E O DIABO

Deus! Poupadeira e aceada, a Rosa trazia a casa num brinquinho. E vamos lá que mestre José era trabalhador e ajuizado. Não era como muitos que iam para a venda gastar a feria em vinho de cheiro e batiam nas mulheres quando elas perguntavam pelo ganho.

— Os tempos estão ruins para pandegas, dizia mestre José.

Mas como não ha bem que sempre dure, nem flôr que sempre cheire, poucas semanas depois o sapateiro começou a desconfiar da mulher. Não porque a visinhança andásse com murmurações. Isso não. Mas a Rosa com certeza que tinha misterio. Como é que se explicava que a Rosa, em dois dias certos da semana, às terças e às sextas-feiras, amanhecesse gelada na cama, mais gelada que um defunto?

— O' Rosa, tu estás doente?

— Ora que idea! Não sinto nada! E mudava a conversa.

— Com certeza tu andas doente, mulher, teimava ele. Esse frio não é de saude.

A Rosa continuava a protestar a sua saude:

— Mas eu sinto-me bem, acredita. Nem sequer tenho esse frio que dizes.

Porém o sapateiro não se tranquilizava:—Uma suspeita cruel começou a martelar-lhe na cabeça. E, ciumento, concluia com os seus botões:

— E' ela que se levanta de noite e vai ter com alguém ao quintal. E enfurecia-se consigo proprio por causa d'aquele maldito sôno pesado que tinha, que nada o fazia acordar.

Com lagrimas de raiva e de dôr ele lembrou-se que ha anos a Rosa tivera namôro com o Manuel da Ponte. Era um namôro muito falado. Zangaram-se um dia e o namôro aca-

bou. Ele partiu para a America. Mas de poucos anos foi a ausencia, porque ele aí estava de volta, quinze dias antes do casamento da Rosa.

— Agora é que vais ficar sem noiva, disse um dia, zombando, um amigo do sapateiro.

O Manuel da Ponte estabeleceu-se com uma venda de bebidas mesmo ali na rua.

— Os coriscos não se esqueceram ainda. Ai! que se eu os apanho a geito, boto-lhes as tripas de fóra a ambos os dois.

E furioso, as faces palidas de cólera, os olhos injectados de sangue, brandia a faca como se já estivesse em frente d'aqueles que o estavam escarnecendo e deshonrando.

Ora naquela noite de terça-feira mestre José deitou-se mais tarde e fingiu que dormia. De olhos fechados mas com os ouvidos bem abertos, ele escutava a mulher, que sentada na cama, fazia as suas rezas. A Rosa, com o rosario na mão, rezou, rezou, apagou a luz... Faz-se um grande silencio. Nem um ruido na rua. Os cães na vizinhança, calados. Mestre José a fazer que resonava, voltou-se para a parede, para enganar melhor a mulher. O relógio bateu, monotonamente, as onze horas e eis a Rosa a chamá-lo baixinho, pondo-lhe a mão no ombro:

— José! José!

Ele sem bulir. Ai! a grande velhaca que queria ter a certeza se ele estava já bem agarrado ao sono.

Ela repetiu:

— José!



e pe ante pè, dirigiu-se para a porta...

Um tido subtraher ouvis-se como brevo ptozozada
e pouco. E um choro a exoite. De repate a cito tpr-se
e no meio de uma labarda vcmelha e l'abo amarelo, l'ho
trivento, os olhos l'ascando lame. Exatamente o l'abo

O sapateiro prolongou o resôno e a Rosa, então, com mil cautelas, foi-se levantando, levantando e, pé, ante pé, dirigiu-se para a porta, abriu-a de mansinho e saiu.

Pedaço de patifa! O sapateiro pegou na sovela que tinha arrumado debaixo do travesseiro, saltou para o chão e no bico do pé foi em seguimento da mulher que entrára na cosinha.

Pelos vidros da porta do quintal a baça claridade da noite entrava. O sapateiro, por detraz da porta pôde vêr a mulher que despiu a camisa e bezuntou o côrpo com a manteiga de pôrco que estava na púcara e, ditas certas palavras, desapareceu misteriosamente.

Mestre José, sem reflectir um segundo, corre á púcara da manteiga, bezunta-se tambem, repete conforme pôde e se lembrou as palavras mágicas, e ele lá vai por esses ares, em fralda de camisa e de sovela na mão, leve e rapido, como se levasse azas... Subito chegaram ao areal de S. Roque. A mulher enfiou por uma casa em ruinas. Ele a seguiu-la, cautelosamente não fosse chamar-lhe a atenção. E eis que chegam a uma sala subterranea onde já estavam outras mulheres, nuas como a sua. Rosa foi recebida pelas companheiras com mostras de amisade. Outras mulheres chegaram, nuas tambem. Mestre José escondido no corredôr, a vêr, espantado, com medo de adivinhar aquele terrivel segredo.

— Deus do ceu! Sua mulher era feiticeira. Eis por que ela vinha em dias certos bálhar com as outras, bálhar talvez com o diabo! Eis a razão porque ela acordava gelada com o frio da morte.

Um ruido subterraneo ouviu-se, como trovão prolongado e rouco. E um cheiro a enxofre... De repente o chão abriu-se e, no meio de uma labaréda vermelha, o Diabo appareceu, alto, trigueiro, os olhos faiscando lume... Exactamente o Diabo

O SAPATEIRO E O DIABO

que vinha nas estampas. O mesmo sem tirar nem pôr. Nem os corninhos lhe faltavam.

As mulheres ajoelharam e curvaram a cabeça. Depois ergueram se e, uma por uma, respeitosaente, foram depôr um beijo repenicado e amoroso no rabo de Sua Excelencia, o Príncipe das Trevas que, para melhor receber aquelas demonstrações de carinho e vassalagem, puzera as mãos no chão e alçara o rabo para o ar...

O Diabo, orgulhoso e contente, ria como um perdido!

Porem uma velha, exactamente a ultima que beijara o demonio, descobriu o sapateiro... Mas em vez de o recriminar e fazer alarme, convidou-o risonhamente a ir prestar tambem vassalagem. Receiando que uma recusa poderia prejudical-o e chamar sobre si a cólera das feiticeiras e do proprio Diabo, inclinou-se para dar tambem um beijo, mas, num gesto de revolta, vencendo a má tentação, em vez do osculo, enfiou-lhe a sovela toda pelo rabo dentro do inimigo que, dorido, exclamou:

—Safa! Que nariz agudo!

A morte do Sacristão



Domingo. Manhã fresca de sol. Um lindo sol de primavera, como ha muito não vinha, perturbava o ceu dando-lhe um outro azul, e caía voluptuosamente sobre a terra enchendo a paisagem e as almas de uma enteitada ternura. Tinha chovido na vespera. De maneira que agora, com o ceu desanuviado e aquele lindo sol, a terra lavada e fresca exalava um perfume embriagadôr de plantas e flores silvestres que os quimicos por mais que estudem não saberão imitar e que a alma invisivel mas palpavel da terra compõe com as substancias mais puras e virgens, e perfume tão delicado e imaterial ele é, que a gente o aspira com delicia e a plenos pulmões para que ele entre bem dentro de nós e envolva a nossa propria alma.

Sim, a terra tem tambem, como nós, uma alma invisivel porem palpavel. Não a vêem nossos olhos que a terra ha de comer, mas a nossa alma, no entanto, adivinha-a, sente-a e conversa mesmo com ela, irmãmente, com tal intimidade que chega a entender-lhe quasi o seu misterio.

A MORTE DO SACRISTÃO

Nessas manhãs assim luminosas e reveladoras os proprios animaes, o instinto mais apurado, sentem, tambem como a gente, essa alma misteriosa, comunicativa e espiritalissima da terra.

Não repararam ainda? Os canarios improvisam novas canções, e os tontos e o santo-antoninhos teem uma mais fina inspiração. Até o velhaco do melro assobia com mais seriedade.

E não só os animaes. As fontes, de ordinario tão tristes, como se dentro das suas aguas andasse exilada a alma de um poeta romantico a quem tivesse morrido a mais amada das noivas, as fontes, oiçam nas nesses dias, ensaiam novos ritmos, num *allegro* discreto, porque, (que delicadeza de sentimento!) já que elas em silencio choram as suas ignotas maguas, em silencio tambem hão de cantar as suas alegrias pequenas.

Do alto da sua torre o sino chamava a freguesia para a missa do Domingo. Tambem a voz do sino se espiritalisára mais nessa manhã macia e fresca. Não sei se era uma voz mais humana que divina, só sei que essa voz, de ritmo dominadôr e largo, se derramava no ar como uma benção, e era (quem ousará nega-lo?) a propria voz de Deus, Senhor supremo das alturas e da Terra que mandava aquela manhã cheia sol.

Fosse eu musico e talvez não soubesse reproduzir a palavra dulcissima do sino. Não acreditam em milagres? Pois eu acredito neles cada vez mais. Pois não será milagre aquele sino de bronze que os homens fabricaram numa fundição, ao tocar á missa, se esquecer da sua origem metálica, e, tangido por uma corda, imaterialisar-se, e tomar uma voz mais divina ainda do que humana, voz tão bela e persuasiva, que as proprias coisas a escutam recolhidamente?

Não eram ainda dez horas e já a igreja estava quasi cheia. No adro alguns rapazes esperavam as conversadas que se demoravam, em casa, as tôlas, a arranjar o penteado. Os velhos chupavam gravemente o cigarro de mortalha de folha de milho e discutiam coisas de lavoura.

Dentro e fóra, com ar de caso, andava o sacristão . . . Ora eu lhes conto:

—O Joaquim tinha ouvido, na vespera, á noite, no mestre Amancio barbeiro, certas historias que o tinham revoltado. Um poder oculto e máo andava pela freguesia. Pois não sabiam o que tinha acontecido á Maria Clara? Ainda naquella semana ela acordára de manhã com os cabelos cortados, que era mesmo um pecado, tão lindos eram. Não houvera sido por doença maligna, não senhôr. Cortadinhos ás tesouradas como por mão de aprendiz de barbeiro. E o Manuel da Maia, não entrou a desarmonia em sua casa? A mulher a querer fazer a ceia e o lume sem querer pegar; ela a temperar o caldo, e o caldo *insonso* como comida de doente. Uma vez até, o Diabo arda nos quintos dos infernos, esquecera-se de temperar a panela com sal e á noite quando o marido voltou das terras é que foram ralhos: —porque ela era uma desmazelada, nem sabia fazer o lume, deitava sal ás mãocheias nem que fosse salgar chicharros; coisas que ela ouvia calada, os olhos marejados de lagrimas. E o Antonio, o Antonio da Lomba, não conhecem outra coisa! tão saudavel e rijo era, ha quasi um ano que não aguentava comida no estomago. O boticario da vila não alinou com a doença, o doutor da cidade receitou umas hostias que o deixaram no mesmo. Se não fosse uma mulhersinha da Canlelaria que lhe aconsellhou uns defumadoiros com alecrim do

A MORTE DO SACRISTÃO

norte, folha de louro, raspa de pente, umas pedras de sal, ainda hoje ele estaria a sofrer do mesmo mal.

Um outro freguez contára que a mulher um dia amanhecêra toda moída de pancadas. O corpo com nodoas negras que metia dó. A mulher acordára de noite sobresaltada e vira aos pés da cama tres mulheres que, rindo a bandeiras despregadas, se chegaram a ela e a sovaram com pancadas. Ela bem quiz chamar pelo marido, mas a voz prendia-se na garganta. Depois terramotos, correrias pela casa fóra. Isso ouvira ele bem.

— Não haja duvida, que ha feiticeiras na freguezia, concluiu um outro freguês.

Mestre Amancio gabava-se de nunca ter sido perseguido pelas feiticeiras.

Um homem do Pico da Pedra, que sabia curar, ensinara-lhe a pôr detraz da porta da rua e da porta do quintal pós de mostarda benta que tinham a virtude de não deixar passar feiticeira por mais artes que tivesse, por maior que fosse o pacto com o Diabo.

O Joaquim sacristão não pregou olho em toda a noite a pensar no que tinha ouvido. Indignado, tomara a resolução de conhecer as patifas que, com a ajuda do demonio, andavam a fazer das suas. E ele que tinha tudo a seu favôr. Ninguem ao Domingo faltava á missa. O padre revestido, no altar, a lèr o missal e ele, disfarçadamente, com o ar mais natural deste mundo, iria espalhar opó da mostarda á porta da igreja, e então veriamos, quem eram as velliacas que não podiam passar...

Deram as dez horas. Os fieis mais retardatarios já estavam lá dentro na igreja. O adro ficou deserto. O padre subiu ao altar, o santo sacrificio da missa principiou. E eis o Joaquim sacristão, logo na primeira aberta que teve, a espalhar no adro a mostarda para um lado e para o outro...

Quando a missa terminou, lentamente começaram a sair os fieis. Os rapazes primeiro, as raparigas em seguida, os mais velhos por ultimo. Só tres devotas ficaram a rezar ainda as contas dos seus rozarios...

Joaquim, ancioso, o coração em sobresalto, da porta da sacristia a espreitar, a espreitar... Seriam aquelas? Eram tão devotas, nunca faltavam à missa, nem à confissão pela quaresma...

O tempo foi passando, passando e as beatas sempre agarradas ao rosario. Joaquim decidiu-se:

— Então hoje vocês ficam de penitencia na igreja? Toca a sair que é quasi noite. Ainda não jantei.

A mais velha das tres, a Maria José, com mal disfarçado rancôr, disse-lhe:

— Sempre gostava de saber quem te aconselhou a brincadeira. Vá varrer já o adro que nós sairemos. Oxalá não te arrependas do atrevimento.

O sacristão de posse do segredo não teve papas na lingua, atirou-lhes logo á cara com as peiores injurias:

— Bruchas do diabo, malditas! estuporas beatas, hipocritas. Hei-de contar a toda a gente quem vocês são. O povo ha de correr á pedra vocês todas, coriscas falsas do inferno.

E a feiticeira ria, ria, com um riso mau.

A mais nova das tres levantou-se e disse-lhe:

— Pelo amôr de Deus não te exaltes. Olha que aquela é vingativa. Vai ja o varrer o adro, anda.

A MORTE DO SACRISTÃO

Havia tanta sinceridade no pedido desta feiticeira, e tanta colera fusilava nos olhos das outras que o Joaquim tomad^o de medo, pacificou :

— Bem, por esta vez, vái, mas se vocês tornam a fazer malefícios como teem feito até aqui, comigo é que ajustam contas.

E trazendo uma vassoura da sacristia foi varrer o pó do adro.

As feiticeiras, finalmente, saíram resmungando.

A' tardinha, como de costume, o Joaquim subiu á torre para tocar trindades. Começava a escurecer. Bonita tinha sido a manhã, feia se apresentava a noite. Quando principiou a subir a escada da torre, um calafrio percorreu-lhe o corpo.

Sentiu-se sosinho. Teve medo. Os seus passos soaram-lhe de uma outra maneira, como se fossem passos de outra pessoa. Quiz descer, fugir... Mas uma força desconhecida empurrava-o, tonto, para a frente, obrigando-o a subir... .

Quando ia puxar pela corda do sino, mãos invisíveis, apertaram-lhe a garganta, apertaram, emquanto outras o tomavam pelos ombros e o aproximavam da janela da torre. Um safanão mais forte e ei-lo despenhado do alto e a cair estatelado nas lages do adro.

Anoitecera de todo. Um camponez que passava ao largo ouviu gemidos. Aproximou-se. Procurou donde partiam esses gemidos de dôr. Dando com o corpo de homem ferido, todo encharcado em sangue, gritou por socorro. Acudiu a vizinhança.

Logo o alarido das mulheres :

— Ai que grande desgraça! O Joaquim quiz-se matar!
Atirou-se da torre abaixo!

Foi o ferido transportado para o Miguel da Venda, que a casa do sacristão ficava distante um bocado grande ainda. Lavaram as feridas com agua da fonte, ligaram-no com tiras de pano. O Joaquim, mal, muito mal.

— Como foi isso rapaz? perguntou-lhe carinhosamente o padre que fôra prevenido.

Joaquim com voz debil contou a sua misteriosa historia.

Quando ia dizer o nome das feiticeiras, a voz embargou-se-lhe na garganta, como se a estivessem apertando, o corpo estremeceu com um solavanco, um grito rouco abriu-lhe aflitivamente a boca, os olhos arregalaram-se-lhe de sinistro pavôr... A cabeça pendeu-lhe para o lado...

Estava morto.

Rebello de Bettencourt

Acaba de aparecer:

O Seiscentismo em Portugal

—POR—

Manuel Múrias

Ensaio de reacção contra a mentira da *História liberal* que sistematicamente afirma a decadência do século XVI. Concreta avaliação dos Jesuitas, da Inquisição e do Gorgorismo. Este livro representa pelo valor das suas vigorosas e desasombradas afirmações o melhor sintoma da reacção nacionalista.

A' venda
em todas as livrarias

ALIANÇA

A melhor marca de :

Bolachas

Biscoitos

Chocolates

Confeitaria

Assucares

Massas

Pão

Sociedade Industrial Aliança

LISBOA

PORTO

NOTA ELEGANTE

O paço ruge - ruge d'uma mulher atrae-nos,

— o seu olhar acolhe-nos, —

mas o seu pesinho bem calçado, seduz-nos!

Sapataria "O MODELO DE PARIS"

R. do Loreto, 19

Telefone 2.885 C.

Perfumaria Elite

J. COSTA, L.^{da}

Sempre as ultimas novidades
em perfumes artigos de beleza
e bijouterias

MANUCURE PARA SENHORAS

TEL. C. 1143

Largo do Calhariz, n.º 18

(Palacio Azambuja)

LISBOA

NÃO OFERECE DISCUSSÃO

Que os mais lindos tecidos

Os de melhor qualidade

Os de maior duração

Os mais baratos

São vendidos pelo fabricante da Covilhã

Jayme Pintasilgo

Um optimo fato, um lindo vestido, consegue-se facilmente visitando o deposito

PORTO

14, Rua da Cancela Velha, 1.º

Ou pedindo amostras directament - ao fabricante

Recomendamos a RETROZARIA

J. Fernandes, L.^{da}

Porque tem sempre as ultimas novidades

em artigos de retrozeiro e modas

Enormes sortimento de lã de todas as qualidades

PREÇOS LIMITADÍSSIMOS

Fazem-se descontos às Ex.^{mas} modistas

Rua dos Retrozelros, 79, 81, 83 - LISBOA



Ferro & Cunha, L.^{da}

Grande sortimento em artigos
de utilidade domestica

Fogões, esmaltes, talhares, etc., dos melhores
fabricantes alemães

**28 - Rua dos Retrozelros - 30
LISBOA**

Empreza de Anúncios
nos Caminhos de Ferro



NEM OLHAM UM PARA O OUTRO!...

R da Horta Seca, 7-1º ---- LISBOA
Telefone Central, 27

PAPELARIA CAMÕES
DE

Augusto Rodrigues & Brito, L.^a
42, P. Luz do Camões, 43 - LISBOA Tel. C. 1º 40
*Grande variedade em objectos para escritor o,
livros escolares, estojos para desenho. etc.*
Grande sortimento de objectos para pintura a oleo e aguarela

TIPOGRAFIA
RUA DO FERREGIAL, 12 & 20

MEIAS

Camisaria Modelo

A casa que maior
sortido tem

e a que mais barato
vende

Rua do Ouro, 117

Secções de luvania, gravataria
e chapelaria

Os Açores

Grande revista regionalista

AÇORES - PONTA DELGADA

Representante em Portugal:

Carlos d'Ornelas

R. DA HORTA SECA, 7-1.º

Telf. C. 27

FOTOGRAVURA NACIONAL L^{DA}



273 RUA DA ROSA, 275

FOTOGRAVURA LISBOA

· FOTO-ZINCOGRAFIA

→ BICROMIA

→ TRICROMIA

→ GRAVURA EM COBRE

→ E DESENHO



Cigarros e charutos

DE TODAS
AS QUALIDADES

VISITE V. EX.^A A

TABACARIA AMERICANA, L.^{DA}

RUA GARRETT, 44

TELEFONE C. 4327

LISBOA

A PROSPERIDADE

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo

Execução rápida Preços modicos

Francisco Augusto Prosper

Rua do Norte, 28-1.^o

Lisboa

Onde melhor se come em Lisboa

é no ANTIGO RESTAURANT

— Frade —

Rua da Morta Seca, 34-38

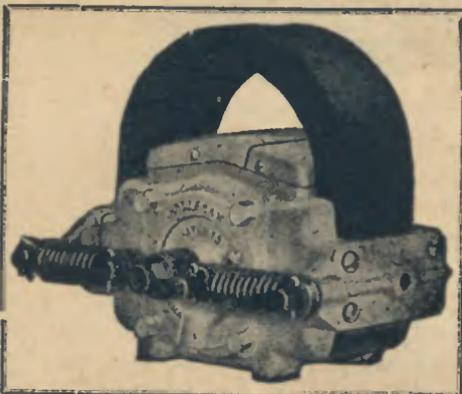
(Ao Camões)

Nova gerencia de

Alexandre Rosado

TOSCANO & C.^a, L.^{da}

Rua de São Paulo, 117 - LISBOA



Maquinas, motores,
tractores, bombas, tu-
bos e accessorios
charruas, ceifeiras
e debulhadoras

—
**Importação
directa**



As vanta-
gens
resultam
quando
se faz uso
da
maquina
TORPEDO

Agentes no sul do palz:

J. Anão & C.^a, L.^{da}

R. dos Fanqueiros, 376, 2.^o
Telephone n.^o 3596



«QUEM ME DERA JÁ TER BARBA
PARA COMPRAR UMA GILLETTE!»



AGENCIA RIJA DA CONCEIÇÃO, 75.1° TELEF. 948 C.
JOÃO MACHADO DA CONCEIÇÃO & C.ª L.ª LISBOA